

Santo Agostinho: místico ou um intelectual platônico-cristão?

Saint Augustine: mystic or a Platonic-Christian intellectual?

Antonio Pereira Júnior¹

Resumo: A mística é um fenômeno presente em quase todas as grandes religiões do mundo. No cristianismo, esta manifestação pode ser notada já nos textos Sagrados do Novo Testamento: desde os relatos que envolveram os eventos da vida de Jesus às visões escatológicas de João no livro do Apocalipse. Posteriormente, podemos encontrar registros de misticidade no grande movimento dos Pais da Igreja conhecido como Patrística, se estendendo por toda Idade Média, até alcançar os dias de hoje. Todavia, alguns pesquisadores da antiguidade tardia, procuraram enquadrar o grande nome da Patrística, Santo Agostinho, como o pai da mística católica. Outrossim, Agostinho é sumamente conhecido como um grande teólogo, filósofo ou mesmo como um gênio intelectual-platônico-cristão investigador da Verdade; sendo, porém, bastante diminuto, o número de pesquisadores que se propõe a verificar se, de fato, há ou não razões, para que ele seja contado entre os grandes místicos da Igreja. O presente ensaio traz à tona esta polêmica discussão, com o intuito de elucidar o problema que ora se levanta: podemos considerar Santo Agostinho um místico ou apenas um grande nome da filosofia/teologia cristã? Isto posto, para responder a referida questão-problema, nos propomos investigar os principais acontecimentos da vida de Agostinho, bem como, os principais textos de sua obra, a fim de comprovar algum resquício de misticidade, seja em sua vida ou mesmo em suas investigações acerca da Verdade.

Palavras-chave: Mística. Patrística. Santo Agostinho. Antiguidade-tardia. Verdade.

Abstract: Mystique is a phenomenon present in almost all the great religions of the world. In Christianity, this manifestation can be seen already in the New Testament: from the accounts that involved the events of Jesus' life to the eschatological visions of John in the book of Revelation. Later, we can find records of mysticism in the great movement of the Fathers of the Church known as Patristic, extending throughout the Middle Ages, until reaching the present day. However, some researchers of late

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Pernambuco, professor da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte.

antiquity, tried to frame the great name of Patristic, Saint Augustine, as the father of the Catholic mystic. Furthermore, Augustine is widely known as a great theologian, philosopher or even as an intellectual-Platonic-Christian genius investigating the Truth; nevertheless being quite small the number of researchers proposing to verify whether, in fact, there are reasons or not for Him to be considered among the great mystics of the Church. The present essay brings up this controversial discussion, in order to elucidate the problem that now arises: can we consider Saint Augustine a mystic or just a great name in Christian philosophy / theology? That said, to answer that question-problem we propose to investigate the main events of Augustine's life, as well as the main texts of his work, in order to prove some trace of mysticism, either in his life or in his investigations about the Truth.

Keywords: Mystic. Patristic. Saint Augustine. Late antiquity. Truth.

1 Introdução

A mística é um fenômeno presente em praticamente todas as grandes religiões do mundo oriental e ocidental, a saber, o hinduísmo, budismo, islamismo, judaísmo e o cristianismo. Todavia, o sentido que a “mística” assume hoje, isto é, proposta de uma reflexão sobre a relação da criatura com o seu Criador, só começou a ser usado por volta dos séculos IV e V, mais especificamente, nos escritos de Pseudo-Dionísio, Areopagita.

No cristianismo, esta manifestação pode ser notada já no Novo Testamento, desde os relatos que envolveram os eventos da vida de Jesus – batismo no Jordão, a transfiguração no monte Tabor, às visões escatológicas de João no Livro do Apocalipse e, ainda, a misteriosa visão do apóstolo Paulo no caminho de Damasco.

Posteriormente, nos primeiros séculos da era cristã, no grande movimento dos Padres da Igreja, conhecido como a Patrística já podemos encontrar registros de textos com características místicas, isso se estendeu por toda Idade Média, até alcançar os nossos dias. Estudos recentes, provocados por pesquisadores agostinianos situaram Santo Agostinho como o fundador da mística cristã.

Todavia, como se sabe, o Hiponense é sumamente conhecido, especialmente entre o meio acadêmico, como teólogo, o filósofo latino de um grande gênio intelectual-platônico-cristão, investigador da Verdade; sendo bastante diminuto, o número de pesquisadores que se propõe a verificar se, de fato, há ou não razões, para que o Santo Doutor seja contado entre os grandes místicos da Igreja, como por exemplo: São Francisco de Assis, São João da Cruz, Santa Tereza de Ávila e tantos outros.

Este ensaio visa trazer à tona a discussão em atribuir ao Hiponense a figura de místico, portanto com o intuito de contribuir e trazer um pequeno rasgo de luz à questão: podemos considerar Santo Agostinho um místico da nascente do cristianismo, ou apenas um grande nome da filosofia/teologia cristã? Para Agostino Trapè, esta discussão, tem sua origem na acepção que o termo “mística” assume: “trata-se de saber se nessa noção, há lugar para a visão intelectualista ou não, isto é, se intelectualismo e misticismo, esquemas filosóficos e contemplação infusa excluem-se mutuamente ou podem convergir” (TRAPÈ, 2018, p. 381).

Seguindo este raciocínio, grosso modo, procuramos estruturar nossa pesquisa em duas partes: uma destinada à investigação da origem e sentido do termo mística; e outra, destinada à verificação de relatos de possíveis casos de manifestações místicas na vida do ilustre Filósofo Africano.

Dessarte, cada tópico deste ensaio constitui-se como que uma espécie de “etapa” de um processo metodológico-investigativo, que visa o esclarecimento da questão-problema proposta para este estudo. Assim, na primeira parte, procurar-se-á compreender os diversos significados que o termo mística assumiu ao longo da sua história, para que, a partir deste levantamento teórico-conceitual, se tenha condições de identificar marcas distintivas da mística cristã, aspectos peculiares que sinalizem para a manifestação do fenômeno místico.

Na segunda parte, será realizada uma busca investigativa nos relatos de possíveis casos de manifestações místicas em Santo Agostinho. Caso seja identificada alguma ocorrência, esta será confrontada com os conceitos e caracteres da mística elencados no tópico anterior, a fim de identificar se tais acontecimentos, podem ser ou não, reconhecidos como manifestações místicas no Bispo de Hipona e assim, poder determinar a legitimidade ou não de sua misticidade.

2 Aspectos conceituais da origem e sentido filosófico do termo “mística”

A palavra mística (*μυστική*) tem sua origem no termo grego *μυστηριον* (segredo, oculto, mistério), o que nos remete à ideia de “algo incompreensível ou cujo significado é obscuro ou oculto” (ABBAGNANO, 2012, p. 783). O termo era empregado na Grécia antiga para designar tanto o contato de uma pessoa com o sagrado, como também, com o inteligível-transcendente.

Com isso, o uso do termo não ficava restrito apenas aos aspectos que envolvia a mística religiosidade grega, mas também aos aspectos intelectivos-racionais da sua filosofia, quase sempre composta por conteúdos e pensamentos de difícil acesso e compreensão, ajustando-se assim ao conceito supra apresentado.

Plotino fundamentando seu método na dialética platônica, estabelece um percurso intelectual-intuitivo semelhante ao do filósofo ateniense, que parte do sensível ao inteligível. É sem dúvida nenhuma – dada a forte influência espiritualista de sua época –, uma experiência interior de purificação da alma, que encontrará o seu termo na união místico-racional com o Uno.

Ora, já que não eram dois, mas o próprio vidente era um com o objeto visto (não tanto visto quanto “unido”), quem tornou-se tal quando se fundiu com Ele, se caso conseguisse recordar-se teria consigo uma imagem Dele. (...) esse tal, porém, já era Uno (...) não havia nem mesmo razão discursiva nem qualquer pensamento nem, afinal, ele mesmo, se é necessário falar assim. Mas como arrebatado e inspirado ele entrou tranquilamente na solidão e num estado que não sofre mais abalos nem se afasta mais do ser do Uno, nem gira mais em torno de si, mas permanece estático, como transformado na própria imobilidade. Plotino (*apud* REALE, 2012, p. 124-125).

Adentrando na dimensão da espiritualidade Cristã-Católica, os chamados Pais da Igreja viram na filosofia neoplatônica a possibilidade de uma explicação racional para as várias questões de ordem doutrinária da nova religião que surgia. Com isso, aporias como o conhecimento de Deus e da alma humana; o destino onto-teleológico do homem e sua união mística com seu Princípio (*θεοσις*) fundamentada nos textos sacro-escriturísticos – “Vós sois deuses, todos vós sois filhos do Altíssimo” (Salmos 81, 6) –, passaram a ser questões abordadas sob a ótica da filosofia neoplatônica:

A patrística desenvolveu a doutrina da divinização ao se confrontar com o misticismo helenístico-oriental. Nos séculos II e III o pensamento cristão encontrou a filosofia neoplatônica, a qual, ainda que sendo filosofia semi-religiosa bastante confusa, envolveu os que procuravam o misterioso e o oculto. Ela, ensinando a natureza ilusória de todas as coisas temporais e a existência de um Deus absoluto, o Um incondicionado, o qual pode ser conhecido no êxtase e na contemplação, estimulava os “instintos místicos” do homem. (...) Os Padres encontraram nela o fundamento natural para mística. Os Padres do deserto, com os *Apoftegmatas*² reforçaram de modo determinante a ideia de a mística ser um fato natural, acabamento normal da vida da graça. Del Gênio (2003, p. 708).

Assim, já na perspectiva cristã, encontramos um conceito de *mística* bem mais próximo do entendimento e da compreensão geral que hodiernamente se nos apresenta: “mística é a parte da ciência espiritual que tem por objeto próprio a teoria e a prática da vida contemplativa” (TANQUEREY, 1961, p. 06). Nesta definição,

² *Apoftegmatas* (αποφθεγματος): significa literalmente “sentença”, “preceito”. O vocábulo foi usado para designar o conjunto de breves sentenças dos antigos Padres do deserto. Geralmente esses adágios narravam episódios da vida ascética daqueles monges ou traziam incutidos em suas poucas palavras ensinamentos de sua regra e doutrina.

temos a mística agora, sendo abordada sob a perspectiva teológica, mas, ainda assim, como um conceito que pode ser elucidado sob a ótica fenomenológica da filosofia, uma vez que a contemplação se aplica tanto aos aspectos espirituais-teológicos, quanto filosóficos-rationais.

Para efeito elucidativo, cabe ressaltar que a contemplação, segundo o teólogo Antonio Royo Marin (2008), pode se dar de duas formas: a natural, que acontece nas ordens sensível, imaginativa e intelectual (ou, filosófica); e, a sobrenatural que embora, também ocorra em nível intelectual, diferencia-se da primeira, pelo grau de perfeição das visões e pela ação extraordinária de Deus, representada geralmente, pela presença de uma Luz incorpórea no intelecto, a qual propicia o desvelamento da realidade inteligível, bem como, o contato íntimo da alma com a Verdade Ontológica.

Nesse sentido, Royo Marin, ao definir a contemplação infusa, explica: “A contemplação cristã, sobrenatural ou infusa, tem sido definida de várias formas ao longo dos séculos, porém, todas convergem para um mesmo ponto: é uma admirável suspensão do entendimento diante do esplendor da verdade sobrenatural”³ (MARIN, 2008, p. 684, tradução nossa).

Na definição, destacamos dois importantes pontos que caracterizam a contemplação infusa como um fenômeno místico-sobrenatural: a suspensão das operações anímicas do entendimento ou intelecto, ficando este embevecido diante da presença da Luz da Verdade e, portanto, entregue à ação divina; e a menção à Luz incorpórea, implícita no termo “esplendor da Verdade” que condiz com a narrativa experiencial de vários místicos contemplativos, os quais afirmam terem tido contato com forte luminosidade no interior de sua própria alma. Destarte, assim escreve o grande místico São João da Cruz (1947, p. 66) em seu poema “Chama de Amor viva: “Oh lâmpadas de brilhantes! / Em cujos resplendores / As profundas cavernas do sentido, / Escuro e cego d’antes, / Com estranhos primores / Calor e luz junto ao seu Querido!”

Isto posto, numa perspectiva mais objetiva e pragmática, podemos considerar a mística como uma experiência íntima do indivíduo com o inteligível-transcendente que pode levá-lo a um estado de êxtase profundo. Um transpor o sensível para tocar aquilo que o ultrapassa – isto é, o Inteligível-Sagrado –, aquilo que supera a sua própria imanência no mundo que o envolve.

³ La contemplación cristiana, sobrenatural o infusa, ha sido definida con muy variadas fórmulas a través de los siglos, pero todas ellas coinciden en lo fundamental; se trata de una suspensión admirativa del entendimiento ante el esplendor de la verdad sobrenatural

Êxtase (gr.: *εκστασις*), por sua vez, significa arrebatamento, encantamento, exultação, torpor. É um estado de elevação intelectual-espiritual em que a pessoa passa por uma espécie de *contemplação* de uma realidade inteligível, em que ela permanece, temporariamente, absorta e imersa numa esfera de espiritualidade intensa, onde os seus sentidos exteriores são como que suprimidos por meio desta *união extática* da alma com Deus, que coloca o indivíduo diante do Sagrado que se descortina à sua frente.

Assim, para Nicola Abbagnano (2012), o fenômeno místico foi abordado por diversas correntes filosóficas, especialmente pelos neoplatônicos. Segundo o autor:

Filon caracterizava o êxtase como 'uma transformação da inteligência' uma transformação que não é realizada pela própria inteligência, mas diretamente por Deus (...). Plotino caracteriza o êxtase como uma supressão da alteridade entre aquele que vê e a coisa vista, e como identificação total e entusiástica da alma com Deus. "Não é mais uma visão", diz ele, "mas um modo diferente de ver: êxtase é simplificação e doação de si mesmo, desejo de contato, repouso e compreensão de conjunção" (ABBAGNANO, 2012, p. 486).

Em especial, nos chama a atenção o entendimento do Alexandrino acerca do êxtase, que nos apresenta este fenômeno como uma espécie de *metanoia* que ocorre no interior da alma humana, uma transformação cuja origem não se encontra no intelecto, mas na própria Deidade. Fato que põe em relevo a ideia de que as visões intelectivas da alma não necessariamente serão frutos de processos naturais da mente, mas que podem sim, ser atuações do próprio Deus no intelecto do Ser criado.

Já entre os cristãos medievais, encontramos ainda em Abbagnano:

Bernardo de Claraval (séc. XI) entende o êxtase, chamando-o também de *excessus mentis* e considerando-o supremo grau da contemplação, em que a alma se une a Deus assim como uma gota d'água que cai no vinho se dissolve e adquire o sabor e a cor do vinho (*De dilligendo Deo*, 11, 28) (...) e São Boaventura, por sua vez, vê no êxtase a elevação acima de si mesmo, até a fonte do amor supra-intelectual. É um estado de *douta ignorância*, no qual a obscuridade dos poderes cognitivos se transforma em luz sobrenatural (Breviloquio V, 6) (ABBAGNANO, 2012, p. 486).

Com isso, temos em Abbagnano, duas abordagens de pensamento acerca do êxtase, a neoplatônica e a cristã-medieval, e, apesar das diferenças de espiritualidade presente nestas duas correntes filosófica e teológica (pagã e cristã), pode-se perceber perfeitamente certo grau de similaridade em ambos os pensamentos, ou seja, um e outro, considerando o êxtase como uma espécie de união mística da alma com a Divindade.

3 Caracteres distintivos do fenômeno místico

Com base nas definições apresentadas, podemos agora destacar algumas características do fenômeno místico. Primeiramente, o fenômeno místico é interior. Isto é, acontece na interioridade do ser, em sua íntima Pátria. Se, através do fenômeno místico, um mundo completamente espiritual se desvela ao homem, deve ser também através da sua parte espiritual (no homem interior), que este contato deve acontecer. Assim, é preciso um caminhar para dentro de si, para o centro de sua alma, para que o homem interior possa “enxergar”, “alcançar” e “tocar” o Sagrado, e ali, nesse “espaço” próprio da sua alma, contemplar a Verdade, agora desvelada.

Na contemplação atua Deus sobretudo no que os místicos chamam *a fina ponta da alma, o cimo da alma, o cimo da vontade ou o fundo íntimo da alma*. O que se deve entender por essas expressões, é tudo o que há de mais elevado na inteligência e na vontade; é a inteligência, não enquanto raciocina, senão enquanto percebe a verdade por meio de um simples olhar, sob o influxo dos dons superiores de entendimento e sapiência (TANQUEREY, 1961, p.662).

Em segundo lugar, a mística exige desprendimento. Isto significa que ela reclama o abandono das coisas sensíveis. Na experiência mística, o suprasensível se revela ao homem e ele pode conhecer de forma muito mais límpida e clara uma fração daquilo que lhe transcende. Todavia, para que isso ocorra, se faz necessário a purificação da alma e o desprendimento de tudo que é sensível. Stinissen, comentador do grande místico João da Cruz, acrescenta:

Enquanto no nível dos sentidos, tudo vai bem, não existe uma procura mais profunda e você se acomoda; mas quando se descobre que aí nada se encontra, pode acontecer que você se volva para uma camada mais profunda dentro de você mesmo: o espírito. Tanto mais que, a partir do centro de sua alma, você percebe uma força que o atrai para regiões mais profundas. (STINISSEN, 2006, p.14).

Assim, não se pode atingir o que é eterno imutável se se permanece preso ao que é efêmero e transitório. A inclinação ao mundo sensível, na verdade, constitui obstáculo para vida mística, uma vez que, o amor desenfreado ao corpóreo, conduz ao desequilíbrio da Ordem estabelecida por Deus, levando, gradativamente, a alma a esquecer-se daquilo que realmente é relevante, sejam: as coisas eternas, invisíveis e espirituais.

Outra característica a ser destacada é que a mística é relação. Isto significa que não é uma experiência solitária do homem, antes, é mutualidade. Envolve relacionamento da alma com Deus, de modo que esta relação só pode ser de Amor. Um convívio íntimo onde Amado e amante se envolvem num círculo místico de amor que culmina no que Tereza de Ávila denominou de *Matrimônio espiritual* da alma com Deus. “Talvez seja isso que Paulo quis dizer quando escreveu que ‘quem se une ao Senhor torna-se com ele um só espírito’, referindo-se a esse soberano matrimônio espiritual que pressupõe a união de Sua Majestade à alma” (SANTA TEREZA, 2019, p. 213).

A mística é ainda, incursão. Incursão tanto no que se refere ao sentido (espiritual) de *invasão*, *ocupação* e *conquista* – neste caso, da alma propriamente dita –, quanto no sentido de *caminho* que conduz a Deus. O primeiro sentido, pode nos parecer um tanto estranho, afinal Deus não “invade” o coração de ninguém sem o seu devido consentimento. Ele não interfere no livre-arbítrio do homem. Entretanto, o que acontece, nestes casos, é o que a Teologia Mística vai denominar de *arroubamento* (fenômeno místico que acontece no êxtase).

No arroubamento, Deus “apodera-se da alma com *impetuosidade* e *violência*, a tal ponto que não se lhe pode resistir” (TANQUEREY, 1961, p. 699). Apesar dos termos “invasão”, “ocupação” e “conquista” – citados no parágrafo anterior – trazer em seu cerne a ideia de imposição, austeridade ou mesmo violação da vontade humana, não é precisamente isso que acontece. Aqui, a alma se permite ser invadida e dominada por Deus. Deus é Amor⁴, e não é próprio do Amor ferir, portanto, Ele não gera perigo algum à alma, como bem afirma a Doutora Mística ao se referir a suas experiências sobrenaturais: “esta oração não prejudica a saúde, por dilatada que seja; (...) antes, por enferma que estivesse, ficava muito melhor. Mas que mal pode fazer tão grande bem?”⁵ (SANTA TEREZA, 1961, p. 135).

Deste modo, se a teologia mística se utiliza de termos fortes e incisivos, como os que lemos na definição supra, é para ressaltar o propósito firme de Deus no processo de divinização do homem (θεοσις).

O segundo sentido de incursão, se refere a “caminho”. Incursão também pode significar caminho, trajetória, jornada. Assim, aplicado ao fenômeno místico, isto deve ser entendido no sentido de que a mística é um meio utilizado por Deus para conduzir a alma de forma direta até Ele mesmo, fazendo com isso, o homem experimentar já nessa vida, aquilo que será vivido em plenitude na eternidade.

⁴ I Jo 4, 8

⁵ Grifo nosso.

Por fim, a última característica que destacamos da Mística é que ela é conhecimento sem mediação dos sentidos. Sabe-se que todo conhecimento que apreendemos nesta realidade provém dos sentidos que funcionam como veículos condutores de informação do mundo exterior para o nosso interior. Todavia, na experiência mística, uma outra realidade se desvela, uma realidade distinta da que conhecemos pelos meios convencionais, uma realidade onde os sentidos não alcançam nem a compreendem.

Mais uma vez Tereza de Ávila, em narrativa sobre a sua experiência mística, escreve em seu “Livro da vida”:

Os olhos se lhe cerram involuntariamente, ou, se os conserva abertos, nada enxerga; se lê, não acerta com as letras, nem quase atina em reconhecê-las; vê os caracteres, mas, como o entendimento não ajuda, não consegue ler, ainda que queira. Ouve, mas não entende o que ouve; de modo que os sentidos de nada lhes servem, senão para a não deixarem totalmente a seu prazer e assim a estorvarem⁶. (SANTA TEREZA, 1961, p.134-135).

Assim, com a suspensão do sentidos e, ficando o contato com esta realidade suprassensível, apenas via inteligência, um novo tipo de conhecimento é comunicado ao homem sem que este passe, necessariamente, pelas vias sensoriais, aliás, nestes casos, os sentidos lhe são inúteis, uma vez que seus mecanismos são insuficientes para apreender o objeto da realidade espiritual. Com isso, o conhecimento transmitido via fenômeno místico se apresenta como um conhecimento *puro e essencial*, que repousa na alma humana, sem a necessidade de captação pelos órgãos sensitivos. Em outras palavras, o que acontece no interior da alma humana é a ação comunicante e direta de Deus no intelecto humano.

4 Intelectualismo ou misticidade em Santo Agostinho?

A partir deste ponto, passaremos a identificar nas fontes agostinianas primárias, vestígios de misticidade que testemunhem alguma participação contundente e efetiva de Santo Agostinho, em fenômenos místicos propriamente ditos. Caso seja identificada alguma ocorrência hipotética, esta será confrontada com os conceitos de mística e suas características apresentadas anteriormente, bem como, com fenômenos místicos já testemunhados em outras personalidades da mística cristã. O intuito é saber se as supostas ocorrências identificadas na vida do Doutor da Graça estão em consonância ou não com o fenômeno de natureza mística.

⁶ *Ibidem*.

Para isso, seguiremos sugestão do teólogo Robert E. Wright acerca de onde encontrar vestígios de misticidade em Santo Agostinho: “As principais fontes da mística agostiniana são de dois tipos: o relato pessoal, que faz, principalmente em suas *Conf.*, e o comentário teológico, em outro de seus textos” (WRIGHT, 2018, p. 672). Dito isto, passemos à diante.

5 Fontes e relatos de “aparentes” eventos místicos

É inegável a influência de Santo Agostinho na história da filosofia/teologia e, há de destacar também o influxo de suas teorias sobre a própria mística medieval. Todavia, como bem afirma Wright: “quanto à mística do próprio Agostinho, essa é uma questão mais complexa e mais problemática” (WRIGHT, 2018, 672).

Talvez, a grande dificuldade desta questão resida no fato de que Agostinho jamais tenha se voltado à esta temática de modo específico e sistematizado. Isto porque a preocupação do Bispo de Hipona sempre esteve voltada para dois encargos específicos: como padre e pastor, pretendia oferecer uma explicação racional e satisfatória da fé católica aos seus paroquianos e, mesmo, às autoridades eclesiais da Igreja Católica que tanto lhe recorriam; e, como teólogo e filósofo, pretendia debater e refutar as heresias e controvérsias do seu tempo.

Dessa forma, o tema jamais aparece em seus escritos, pelo menos não em forma de tópico a ser debatido. Todavia, a natureza de determinados acontecimentos envolvendo o Santo Doutor deixa transparecer a possibilidade de manifestações místicas em sua vida. Isto é atestado através de suas obras, não somente na narrativa dos eventos em si, mas, sobretudo, na carga e no teor místico-espiritual que os seus textos trazem consigo.

Assim, ao ler Santo Agostinho, temos de nos lembrar primeiramente, que, o conhecimento ali exposto não é um conhecimento “puramente teórico, mas experimental, afetivo, beatificante” (TRAPÈ, 2018, p. 414). Em outras palavras, ao ditar a sua obra, Agostinho estava descrevendo a sua experiência com o Transcendente, e as palavras que dali brotavam estavam repletas de ardor, comoção e espanto. Isto podemos perceber nesta belíssima passagem das *Confissões* (VII, x, 16):

Em seguida aconselhado a voltar a mim mesmo, recolhi-me ao coração, conduzido por Vós. Pude fazê-lo, porque Vos tornastes meu auxílio. Entrei, e, com aquela vista da minha alma, vi, acima dos meus olhos interiores e acima do meu espírito, a Luz imutável. Esta não era o brilho vulgar que é visível a todo homem, nem era do mesmo gênero, embora fosse maior. Era como se brilhasse muito mais clara e abrangesse tudo com sua grandeza.

Não era nada disto, mas outra coisa, muito diferente de todas estas. Essa luz não permanecia sobre o meu espírito como o azeite em cima da água, ou como o céu sobre a terra, mas muito mais elevada, pois Ela própria me criou e eu sou-lhe inferior, porque fui criado por Ela. (SANTO AGOSTINHO, 2004, p. 185, 186).

A forma como o Santo Doutor descreve sua experiência com esta Luz sobrenatural, nos põe diante de alguns *indicadores* que sinalizam para a possível presença de manifestação mística. São eles: a evidente interioridade agostiniana; a necessidade de um guia ao penetrar as vias interiores da alma; a natureza da visão em si e da própria Luz imutável; o contato com o Ser imanente-transcendente e, por fim, a dificuldade de expressar o sobrenatural.

a) Quanto a interioridade. O primeiro apontamento, remete ao primeiro caractere distintivo do fenômeno místico apresentado no tópico anterior, a mística é interior. O Santo Doutor percebe que Deus está ontologicamente presente na alma humana e para lá se dirige com o propósito de encontrá-Lo. Mister se faz notar que o interior da alma é também considerado pelos teólogos e místicos como o *locus* da manifestação mistérica no homem, conforme lemos no poema “Chama de amor viva” de São João da Cruz: “Oh chama de amor viva! / que ternamente feres / da minha alma no centro mais profundo!” (SÃO JOÃO DA CRUZ, 1947, p. 09). Como é evidente na citação, é do centro da alma que Deus age misteriosamente no homem, pois, quanto mais interior, mais pura e transparente é ação de Deus no homem.

Assim, é para este mesmo “lugar” que Santo Agostinho se encaminha, penetrando os recintos mais diversos e desconhecidos de sua alma, até encontrar-se com Àquela misteriosa Luz descrita em suas *Confissões*. Dessa forma, aquilo que o aclamado Bispo deixou registrado em seus escritos é fruto de tudo que ele viveu em sua interioridade. Não é uma teoria filosófico-teológica meramente racional. Ali, em sua doutrina da interioridade, encontramos o registro de uma experiência íntima e profunda com Deus: “Vós porém, éreis mais íntimo que o meu próprio íntimo e mais sublime que o ápice do meu Ser”⁷ (SANTO AGOSTINHO, 2004, p. 88).

b) Quanto a necessidade de ser guiado interiormente. Ao se falar que mística é incursão (caminho), tratou-se do fato de que a alma é guiada por Deus até Ele mesmo. Agostinho faz questão de destacar que o caminho percorrido até o interior da alma, só será possível, se auxiliado por Deus. A questão é que, sendo a alma humana *substantia incorporea* tão desconhecida ao homem, penetrar em suas instâncias sozinho é ficar estático e imóvel, cego, numa escuridão inacessível. São

⁷ Conf. III, vi, 11.

João da Cruz, em explicação ao seu poema “Chama de amor viva”, confirma: “Advertindo, pois, a alma, que neste negócio [isto é, na união mística com Deus] é Deus o principal agente e moço de cego⁸ que a há-de guiar pela mão onde ela não saberia ir⁹, que é às coisas sobrenaturais” (SÃO JOÃO DA CRUZ, 1947, p. 71).

Tal como Santo Agostinho em suas *Confissões*, o Doutor Místico em “Chama”, alerta para o fato de que ao traçar para alma um *iter* de retorno a Si-mesmo, Deus não abandona sua criatura, não a deixa perdida a mercê do acaso ou entregue a sua própria sorte em “terreno desconhecido”. Ao contrário, Ele percorre este trajeto ao seu lado, de modo ativo, conduzindo-a em cada avanço ascético em Sua direção.

c) Quanto a natureza da visão em si e da própria Luz imutável. As características, tanto da visão quanto da Luz descrita por Agostinho, parecem ser de origem suprassensível, com características muito semelhante às visões místicas de Santa Tereza de Ávila, muito embora o teor e o contexto destas visões sejam diferentes. Porém, nos interessa agora verificar a compatibilidade dos eventos encontrados na vida de Santo Agostinho com aqueles tidos como fenômenos de natureza mística, como é o caso daqueles ocorridos com Tereza de Ávila. Assim, encontramos em *Livro da vida*:

Esta visão ainda que imaginária, nunca a percebi com os olhos corporais, nem tão pouco alguma outra, senão com os olhos da alma. (...) o mesmo digo da claridade em que se vê esta formosura tão divina. É luz tão diferente da que há na terra, que a claridade do sol nos parece apagada, em comparação com aquele fulgor esplêndido que se representa em nossa vista. Quem a viu uma vez não quisera mais abrir os olhos. É como contemplar uma água muito límpida que desliza sobre cristal e reverbera o sol; e olhar depois outra muito turva que corre por cima da terra em dia de grande nevoeiro. Não é que se veja o sol, nem semelhança de luz solar; mas, em suma, é luz que se mostra verdadeira, e a deste mundo como coisa artificial. Luz que não conhece noite; brilha sempre e nada pode ofuscar. (...) não pretendo declarar como esta luz tão forte pode imprimir-se no sentido interior, nem como a inteligência recebe imagem tão clara que Jesus Cristo parece verdadeiramente estar ali. Pertence isto aos letrados. (SANTA TEREZA DE ÁVIDA, 1961, p. 217, 218, 219).

Como se percebe, há uma incrível semelhança entre ambas as visões. Primeiramente, em relação à natureza da visão em si. Aqui, tanto Agostinho quanto Tereza relatam que estas visões não se dão por meio dos sentidos exteriores. Estas apresentam-se como visões de natureza intelectivas-espirituais. Cabe frisar que

⁸ “Moço de cego” é uma antiga expressão usada para designar o ofício do rapaz que tinha a incumbência de guiar o cego mendicante pelas ruas da cidade.

⁹ Grifo nosso.

apesar destas visões ocorrerem no intelecto, elas não podem ser fruto da imaginação humana, visto que a densidade e o teor do conteúdo que as envolve ultrapassam o próprio entendimento humano.

Em relação à Luz imutável, há, mais uma vez aqui, perfeita consonância entre as descrições. Para efeito de análise comparativa, classificamos nesta Luz quatro vertentes: quanto ao *meio*, *intensidade*, *aspecto* e *natureza*.

Quanto ao *meio*, em ambos os casos, esta Luz só pode ser vista por intermédio do sentido interior, isto é, pelos olhos interiores da alma. A visão externa dos sentidos não lhe alcança e, nada pode fazer neste tipo de visão. Em relação a *intensidade*, Agostinho a ela se refere como que de uma grandeza tamanha que envolvia tudo a sua volta; Santa Tereza apenas lhe altera o termo (fulgor esplêndido) preservando o mesmo sentido. No tocante ao *aspecto*, Agostinho e Tereza mais uma vez são concordes ao afirmarem ser uma Luz diferente de tudo já visto e percebido neste mundo. Por fim, quanto a sua *natureza*, para ambos, se trata de uma Luz sobrenatural e divina que transcende a malha do mundo sensível.

d) Quanto ao contato com o Ser imanente-transcendente. O itinerário percorrido por Santo Agostinho da exterioridade à interioridade o põe em contato direto com a Luz imutável e, conseqüentemente, com o transcendente. Um contato de amor, movido pelo Amor! Foi o amor pela Verdade que impeliu o Santo Doutor a voltar-se para o seu interior e ansiar, tão ardentemente, este encontro.

Sentimento análogo, encontramos em João da Cruz. O Doutor Místico compara a ânsia do encontro da alma com Deus com a espera pelo encontro de dois amantes enamorados, onde um – a alma amante –, súplica veementemente à “Eterna Chama” pela antecipação de sua união mística com seu Amado: “Pois já não és esquiva, / acaba já, se queres; / rompe a teia de encontro tão jucundo” (SÃO JOÃO DA CRUZ, 1947, p. 09).

A mesma aspiração é também percebida nos versos das *Confissões* (VII, x, 16), onde nosso Pensador, ao se dirigir à Luz imutável, cita: “Quem conhece a Verdade conhece a Luz imutável, e quem a conhece, conhece a Eternidade. O Amor conhece-a! Ó Verdade eterna, Amor verdadeiro, Eternidade adorável! Vós sois o meu Deus, por Vós suspiro noite e dia. Quando pela primeira vez Vos conheci”¹⁰. (SANTO AGOSTINHO, 2004, p. 186).

Com isso, o suspirar apaixonado de Agostinho pela Imutável Luz da Verdade não se diferencia da forma pela qual o Doutor Místico encerra seu poema: “Que manso e amoroso / acordas em meu seio / Onde tu só secretamente moras: / nesse

¹⁰ Grifo nosso.

aspirar gozoso / de bem e Glória cheio / quão delicadamente me enamoras!” (SÃO JOÃO DA CRUZ, 1947, p. 09). E aqui, nos deparamos, mais uma vez, com relatos de encontros místicos de duas personalidades distantes temporalmente um do outro, mas cujas experiências com o Ser imanente-transcendente, podem ser consideradas *substancialmente* semelhantes.

e) Quanto a dificuldade de expressar o sobrenatural. Uma das grandes dificuldades encontradas pelos místicos para relatar suas experiências, está nas limitações próprias da linguagem para exprimir aquilo que é vivido na esfera espiritual. Assim, mesmo para Agostinho, exímio na arte da oratória e da eloquência, tal dificuldade deixa se transparecer no verso “Não era nada disto, mas outra coisa, muito diferente de todas estas” (SANTO AGOSTINHO, 2004, p. 185, 186). Note que as palavras parecem não ser suficientes para descrever a divina visão, dado que, nada nesta realidade consegue exprimir aquilo que, por natureza, ultrapassa o mundo sensível.

A exposição analítica-comparativa destes indicadores com os conceitos que a mística vem recebendo ao longo da sua história, juntamente com os seus principais caracteres, e ainda, associando-os a eventos místicos reconhecidamente autênticos, nos ofereceu de antemão um rápido vislumbre dos rumos que este ensaio vem tomando. Todavia, com o intuito de evitar precipitações no processo investigativo da pesquisa, cabe ainda apurar acuradamente o problema da misticidade em Agostinho em outros de seus escritos, onde o Santo Doutor teoriza de modo mais específico, sobre alguns aspectos relacionados às visões intelectivas que ocorrem no interior da alma humana.

6 Visão, Contemplação e êxtase em Santo Agostinho: o comentário teológico

O método dialético de busca da Verdade de Santo Agostinho, tal-qualmente em Platão, nos remete para o inteligível-suprassensível. É um método ascensional, um caminho que o homem deve trilhar, via interioridade, até o seu Princípio Ontológico: “E eis que agora, após termos exercitado nossa inteligência nas coisas inferiores, o quanto foi necessário ou talvez mais do que necessário, queremos elevar-nos à contemplação da soberana Trindade, que é Deus” (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 492).

Nesta citação de *A Trindade*, nosso Filósofo chama a atenção para o fato de que o mundo sensível não é o destino definitivo do homem, muito embora ele se mostre atraído e se detenha em demasia nas coisas sensíveis. É para o mundo inteligível que ele deve se voltar, para ali *contemplar* a Verdade, que se encontra,

não espacialmente mas ontologicamente, acima de sua própria razão, de todo Ser e de toda e qualquer realidade existente; e, o *locus* onde este encontro ontológico acontece é no intelecto humano.

Podemos perceber esta ascensão dialética também em outras de suas obras, como por exemplo, no *Comentário literal ao Gênesis*, onde o Santo Doutor, ao explicar sobre os três tipos de visões presentes no homem, destaca: “estas [visões] devem ser consideradas uma a uma em separado, a fim de que a razão se eleve das coisas inferiores às superiores” (SANTO AGOSTINHO, 2005, p. 452).

Segundo nosso Pensador, a primeira visão é a *corporal* ou sensível. Por meio desta, vemos as coisas e toda realidade que nos circunda. A segunda visão é a *visão espiritual*. Com ela vemos as coisas incorpóreas, as *imagens* – verdadeiras ou fictícias – impressas no espírito, como por exemplo, a imagem de um objeto conhecido, mas que não se encontra diante dos nossos olhos sensíveis, ou, a imagem de um objeto desconhecido que apenas se tem a ideia de como seja tal objeto. E, por fim, a mais nobre e elevada das três visões, a *visão intelectual* ou *inteligível*, por meio da qual se contempla a Verdade Eterna.

Se referindo a esta nobre visão, Agostinho cita:

Além disso, se, assim como foi arrebatado dos sentidos do corpo para estar nestas imagens dos corpos, que são vistas pelo espírito, **assim também é arrebatado das mesmas imagens para ser transportado para aquela região das realidades intelectuais ou inteligíveis, onde se percebe a verdade evidente sem qualquer imagem de corpo, mas não ofuscada pelas névoas das opiniões falsas.** Ali as faculdades da alma não atuam nem se fadigam. (...) **Ali a única e total virtude da alma consiste em amar o que se vê, a suprema felicidade reside em possuir o que se ama.** De fato, ali se bebe a vida feliz em sua fonte de onde algo é aspergido para esta vida humana (...) **Ali, se vê o esplendor do Senhor, não por uma visão envolvendo os significados, ou corporal, como foi vista no monte Sinai, ou espiritual, como a que viu Isaías, ou João no Apocalipse; mas pela visão, não mediante figuras, de acordo com a possibilidade da mente humana, segundo a graça de Deus que a assume para poder falar boca a boca aquele que Deus fez digno desse colóquio¹¹;** não a boca do corpo, mas da mente. (SANTO AGOSTINHO, 2005, p. 481, 482).

É extraordinária a experiência descrita por Santo Agostinho neste profícuo fragmento. Nele podemos observar duas importantes contribuições para o presente ensaio. A primeira refere-se àquilo que ele nos apresenta como “arrebatamento”, o qual se dá por meio da visão intelectual, que eleva a alma ao mundo inteligível-espiritual, morada e habitação da própria Verdade no interior do homem. Ora,

¹¹ Grifo nosso.

conforme exposto nos tópicos anteriores, o *arrebatamento* é uma das características marcantes da mística cristã. A narrativa de Agostinho neste recorte, parece, à primeira vista, preencher todas as condições para enquadrar sua experiência naquelas já consideradas, de antemão, como sendo de natureza mística.

Na segunda contribuição, o teor místico-espiritual da visão descrita pelo Bispo de *Hippo*, salta aos olhos do entendimento. Agostinho se utiliza de expressões como, “amar o que se vê”, “esplendor do senhor” e colóquios “boca a boca” com Deus, de forma tão surpreendente que nos leva a assentir o teor místico que envolve a narrativa deste evento fenomênico. Em relação a primeira expressão, Agostinho põe em relevo o fato de que a visão intelectualiza a alma numa atmosfera relacional de amor, semelhante àquele *matrimônio espiritual* encontrado nos textos místicos de Tereza e João da Cruz, deixando transparecer a presença de misticidade desta visão.

A segunda expressão, põe o leitor diante da *Magnificentia Dei*. Através da visão intelectualiza, Santo Agostinho parece ter tido contato com o fulgor da Verdade que se faz Presença no íntimo de sua alma. Contudo, é uma visão misteriosa, diametralmente oposta e distinta daquela que comumente experienciamos no mundo sensível e mesmo aquelas classificadas pelo próprio Agostinho como “visões imaginativas”, exatamente por ser indispensável, neste tipo de visão, a ação direta da Divindade.

Por fim, ressaltamos o divino diálogo mencionado na citação, onde Deus se comunica de forma direta com a alma humana. Não através de linguagem verbal ou por meio de algum sinal/signo sensível, mas através de uma linguagem sobrenatural puramente espiritual, que acontece no interior da alma humana, mais especificamente no intelecto. Aliás, em relação a esta forma inteligível de comunicação, a linguagem comum – dada as limitações que lhe são próprias –, pouco pode fazer para exprimi-la, uma vez que a pureza das “coisas” desta realidade, superam em elevadíssimo grau a realidade sensível, densa e escura sombra daquela realidade primeira.

Com isso, destacamos o caráter ascético-ascensional do método dialético de Agostinho. Com ele, o indivíduo percorre as vias interiores da alma e, paulatinamente, vai se elevando racional e espiritualmente, das realidades inferiores às superiores, até o ponto em que a razão encontra o seu limite máximo de ascensão. Neste ponto, a alma nada pode fazer. É Deus quem atua de modo silencioso na alma humana, por meio d'Aquela Luz imutável, que na verdade é Ele próprio, se comunicando e revelando os mistérios da realidade inteligível ao homem. Esta é a Doutrina da Iluminação Divina de Santo Agostinho.

Em relação a misticidade da iluminação divina de Agostinho, cabe esclarecer que todos os homens, naturalmente, têm acesso às verdades eternas presentes no intelecto humano sem o incurso de qualquer fenômeno místico, porém, o *modo* como o Santo Doutor teve acesso ao processo de apreensão do conhecimento inteligível – o qual é descrito com tamanha precisão no recorte supracitado –, este sim, traz consigo robustas características de atividades místicas.

Mister se faz notar, que a conversão do nosso Pensador o insere num modo de vida ascética que prepara o seu espírito para contemplação das realidades inteligíveis-espirituais. Tal preparação envolve a prática das virtudes em detrimento dos vícios antes cultivados. Dessa forma, a alma entra nesse processo de purificação, e assim, cada vez mais “leve”, vai se elevando e adentrando nas densas áreas daquela região mencionada na citação, onde ocorre, por meio deste tipo de visão (intelectiva) a contemplação da Verdade.

Ressaltamos, que a *contemplação infusa* nos foi apresentada por Marin (2008), como uma suspensão do entendimento diante do Luz da Verdade. Nesta linha de pensamento, encontramos uma perfeita referência às visões intelectivas de Agostinho.

É notório o grau de semelhança entre o conceito apresentado e a citação agostiniana. Ambas se alinham perfeitamente, sendo fácil associar a visão intelectiva citada pelo Hiponense com a manifestação do fenômeno místico-contemplativo citado por Marin. Todavia, há ainda de se considerar, que a contemplação nem sempre se manifesta da mesma forma. Algumas vezes se dá por meio do processo de *iluminação do entendimento* – no caso das visões intelectivas de Agostinho –, outras vezes pela inflamação da própria vontade. Porém, todas com o propósito teleológico de conduzir a alma à união místico-espiritual com Deus.

Outra ponto a ser observado, refere-se ao fato de que a contemplação pode levar à manifestação de outro fenômeno místico: o êxtase. Conforme menção anterior, São Bernardo de Claraval considerava o êxtase como o mais alto grau de contemplação da alma, denominando-o de *excessus mentis*.

Destarte, uma vez absorta na visão intelectiva, a alma progrediria, cada vez mais, em graus de espiritualidade, mergulhado na densidade própria deste tipo de visão, até que, sem se dar conta, seria tomada por um estado de torpor, envolta a uma atmosfera mística de elevada grandeza espiritual, que faria com que alma, neste estado, não anelasse outra coisa senão aquela antiga e sempre nova Beleza, poeticamente citada nas *Confissões* do Santo Doutor.

Santo Agostinho descreve em sua “autobiografia”, uma impressionante experiência vivida ao lado de sua mãe, Santa Mônica, na cidade portuária de Óstia. Dado o elevado grau de densidade espiritual desta narrativa, é quase que unânime entre os pesquisadores de Santo Agostinho, considerarem este evento como uma clara manifestação do êxtase nestas duas amorosas almas: mãe e filho contemplando a Verdade!

Assim, em nota explicativa ao episódio de Óstia, os tradutores Santos e Pina escrevem:

Este capítulo é um dos mais célebres das Confissões. Notabiliza-se pela arte descritiva, pela análise psicológica genial e intuição do Transcendente. Trata um assunto da mais alta mística: o êxtase. Faz-nos vislumbrar um mundo de silêncio e de gozo para além do tempo e da fantasia dos sentidos. (SANTOS; PINA 2004, p. 244).

Neste breve apontamento, os tradutores põem em relevo dois elementos importantes acerca deste evento descrito por Agostinho.

O primeiro, refere-se a visão de Óstia como uma intuição do Transcendente. Etimologicamente, intuição provém do verbo latino *intuire*, formado pela preposição “in” (dentro) com o verbo “*tueri*” (ver, olhar atentamente, contemplar). Nesse sentido, *intuição* pode ser entendido como um “olha interior” da alma que, associado ao termo “*transcendente*” na citação supra, juntamente com a carga filosófica que o próprio termo traz consigo, remete a ideia de “uma visão real e direta de Deus e do Sagrado através do intelecto”. Nesse sentido, a visão intelectual em questão, parece se alinhar perfeitamente com a noção de *contemplação infusa* adotado pela teologia mística.

No segundo apontamento que ora destacamos, os autores – seguindo a opinião comum entre pesquisadores agostinianos –, reconheceram em tal evento, um caso real da manifestação mística na vida de Santo Agostinho. Apesar do relato trazer consigo fortes indícios de misticidade, e tudo levar a crer que, de fato, se trata de um caso de êxtase, cabe investigá-lo acuradamente à luz da metodologia proposta por este ensaio. Dada a relevância deste texto para nossa pesquisa, apresentamo-lo quase em sua íntegra. Ouçamos as palavras do próprio Agostinho:

Próximo já do dia em que ela ia sair desta vida – dia que Vós conheceis e nós ignorávamos –, sucedeu segundo creio por disposição de vossos secretos desígnios, que nos encontrássemos sozinhos, ela e eu, apoiados a uma janela cuja vista dava para o jardim interior da casa onde morávamos. Em Óstia, na foz do Tibre, onde, apartados da multidão, após o cansaço duma longa viagem, retemperávamos as forças para embarcarmos. (...) Na presença da Verdade, que sois Vós, alvitávamos qual seria a vida eterna

dos santos que 'nunca os olhos viram, nunca o ouvido ouviu, nem o coração do homem imaginou. Sim, os lábios do nosso coração abriam-se ansiosos para a corrente celeste da nossa fonte, a fonte da Vida, que está em Vós, para que aspergidos segundo a nossa capacidade, pudéssemos de algum modo pensar num assunto tão transcendente.

(...) Elevando-nos em afetos mais ardentes por essa felicidade, divagamos gradualmente por todas as coisas corporais até ao próprio céu, donde o sol, a lua e as estrelas iluminam a terra.

Subíamos ainda mais em espírito, meditando, falando e admirando as Vossas obras. Chegamos às nossas almas e passamos por elas para atingir essa região de inesgotável abundância, onde apascentais eternamente Israel com o pastio da verdade. Ali a vida é a própria Sabedoria, por Quem tudo foi criado, tudo o que existiu e o que há de existir, sem que ela própria se crie a si mesma, pois existe como sempre foi e como sempre será. Antes, não há nela 'ter sido', nem 'haver de ser', pois simplesmente 'é', por ser eterna. Enquanto assim falávamos, anelantes pela Sabedoria atingimo-la momentaneamente num vislumbre completo do nosso coração. Suspiramos e deixamos lá agarradas as primícias de nosso espírito. Voltamos ao vão ruído dos nossos lábios, onde a palavra começa e acaba. Se esta contemplação continuasse e se todas as outras visões de ordem muito diferente cessassem, se unicamente esta arrebatasse a alma e a absorvesse, de modo que a vida eterna fosse semelhante a este vislumbre intuitivo – a visão beatífica – pelo qual suspiramos, não seria isto a realização do “entra no gozo do teu Senhor”? (SANTO AGOSTINHO, 2004, p. 244, 245, 247).

No texto, é possível identificar alguns aspectos relevantes desta experiência, que podem auxiliar no processo investigativo da pesquisa: Agostinho já se encontrava diante da Verdade antes mesmo da efetivação do possível fenômeno místico (êxtase); percebe-se um movimento dialético-ascensional da alma em direção ao inteligível-transcendente; e, o contato íntimo e inesperado de Agostinho e Mônica com a Divina Sabedoria.

“Na presença da Verdade, que sois Vós, alvitávamos qual seria a vida eterna dos santos”¹². Tal assertiva, nos leva a considerar o fato, já antes mencionado, de que a mística requer relacionamento prévio com Deus. Com isso, a partir desta relação de amizade e benevolência, o contato íntimo da alma com a Verdade vai progredindo de grau em grau, até atingir o seu ápice na união metafísica da alma com Deus. Este caráter ascético-relacional põe o evento de Óstia no caminho dos fenômenos místicos, propriamente dito.

“Divagamos gradualmente por todas as coisas corporais (...) Chegamos às nossas almas e passamos por elas para atingir essa região de inesgotável

¹² Conf. IX, x, 23.

*abundância*¹³. No segundo aspecto, percebemos a nítida presença do “método” dialético-ascensional de Santo Agostinho. A visão de Agostinho e Mônica, inicia-se com uma meditação frugal acerca da vida dos santos e vai progredindo paulatinamente, das coisas sensíveis às inteligíveis, das corpóreas às incorpóreas, seguindo sempre essa ordem. É possível perceber também neste evento, os três tipos de visões apresentadas por Agostinho, as quais tratamos no início deste tópico. A visão corpórea, representada pela contemplação das obras criadas (céu, sol, lua e estrelas); a visão espiritual, representada pela meditação imaginativa acerca da vida eterna dos santos; e a visão intelectual, por meio da qual o Santo Doutor contempla a própria Sabedoria.

*“Enquanto assim falávamos, anelantes pela Sabedoria atingimo-la momentaneamente num vislumbre completo do nosso coração”*¹⁴. Por meio desta visão intelectual-sobrenatural, Agostinho atinge a Sabedoria, que para ele é a própria Verdade. A visão é descrita por ele mesmo, como um “vislumbre intuitivo” da Sabedoria. Algo tão íntimo e profundo que, dado ao grau de espiritualidade e pureza da visão – diferente de tudo que foi vivido e experienciado no mundo sensível –, o leva a considerar esta experiência, como algo muito semelhante à visão beatífica dos santos.

Todos estes elementos que acabamos de apresentar fazem da visão de Óstia, o acontecimento da vida de Santo Agostinho que talvez mais se assemelhe a um caso de manifestação mística, o êxtase. Todavia, não se deve desconsiderar a importância dos demais casos apresentados neste estudo, sejam: a visão intelectual-sobrenatural de Agostinho, sua impressionante experiência com a Luz imutável, bem como, a contemplação da Verdade no íntimo de sua alma. Todos estes eventos, foram analisados e confrontados com os conceitos e características que o fenômeno místico assumiu ao longo da sua história; além disso, foram também postos em paralelo com alguns dos principais casos que a teologia mística considera como autênticos, mostrando-se em consonância em todos estes pontos.

7 Considerações finais

Comprovar se Santo Agostinho foi ou não um pensador místico, mostrou ser tarefa árdua. Primeiramente, devido a impossibilidade, por parte da própria Teologia Mística, de observar o fenômeno místico em si, isolá-lo e estudá-lo minuciosamente,

¹³ *Ibidem.*

¹⁴ *Ibidem.*

para daí se ter condições de determinar, com exatidão, se um fenômeno pode ou não ser classificado como sendo, de fato, de natureza mística ou sobrenatural.

Diante deste impasse, surgiu a segunda dificuldade, encontrar um método que pudesse minimizar os impactos do fator “subjetividade” neste ensaio, uma vez que o problema pesquisacional ora posto exigia de nossa parte, uma resposta objetiva, imparcial e satisfatória. Assim, pensamos numa metodologia que pudesse, ao mesmo tempo, aproximar e confrontar os acontecimentos da vida de Santo Agostinho, supostamente tidos como sobrenaturais, com aquilo que a Teologia vem registrando, ao longo dos séculos, acerca do fenômeno místico. Um método que, diante das limitações circunstanciais aqui apresentadas, se mostrou bastante satisfatório e eficiente.

Em linhas gerais, os eventos da vida de Santo Agostinho, isolados para estudo nesta pesquisa, foram basicamente três: a sua experiência com a Luz imutável, a visão intelectual e o “êxtase” de Óstia. Destes três acontecimentos, desdobraram-se em análise: o arrebatamento dos sentidos, o vislumbre intuitivo da Verdade no mundo inteligível e a contemplação infusa.

Primeiramente, em relação ao contato com a Luz inteligível. Tomando como base, o livro VII das *Confissões* (VII, x, 16) – onde Agostinho relata a visão de certa Luz imutável –, conseguimos extrair cinco indicadores que demonstravam indícios de misticidade. Foram eles: a interioridade agostiniana; a necessidade de um guia ao penetrar as dimensões obscuras da alma; a natureza da visão em si e da própria Luz imutável; o contato com o Ser imanente-transcendente; e, a inefabilidade da visão. Após meticulosa análise comparativa, todos estes indicadores mostraram-se compatíveis e em perfeita consonância com os conceitos e características atribuídos ao fenômeno místico, bem como, com as experiências de outras personalidades reconhecidamente místicas, a exemplo de São João da Cruz e Santa Tereza de Ávila.

Dando seguimento à nossa pesquisa, o segundo evento selecionado para investigação foi a “visão intelectual” mencionada e pormenorizada por Santo Agostinho em sua obra, *Comentário literal ao Gênesis* (XII, x, 21; XII, xxvi, 54). Nesta última seção, foram observadas duas importantes ocorrências: a primeira, refere-se à menção de um “arrebatamento sobrenatural” responsável pela transladação e elevação da alma, do mundo sensível para o mundo inteligível; e, a segunda, a contemplação da Verdade no intelecto humano. Ambos os eventos, demonstraram expressivas características de misticidade, que tendem a ser associadas como possibilidades de manifestações sobrenaturais ocorridas na interioridade do homem. Além disso, apresentaram elevado grau de conformidade

com as descrições místicas contidas nos consagrados manuais de filosofia e teologia, fato que reforça a natureza mística-contemplativa da visão.

Por fim, o evento de Óstia. Este talvez seja, dos acontecimentos aqui selecionados, o que traz maior grau de semelhança com o fenômeno místico e, aquele em que a grande maioria dos pesquisadores de Santo Agostinho reconhecem como sendo, verdadeiramente, de natureza mística. Assim, analisando amiúde o ocorrido fato, encontramos elementos que conferem a Óstia lugar entre os eventos com tendências místicas, são eles: o súbito abandono do mundo sensível; a relação amorosa com a Verdade/Sabedoria; e, a visão intelectualiva-sobrenatural (contemplação infusa) que conduz a alma ao êxtase.

Destarte, após prévias considerações, constatamos que: a) os fenômenos ocorridos no intelecto de Agostinho apresentam-se de duas formas: naturais e sobrenaturais; b) o fenômeno místico foi uma realidade presente em diversos momentos na vida de Santo Agostinho; c) o encontro de Agostinho com a Verdade se dá, não somente, em nível intelectualivo-racional, mas, principalmente, na transcendência do Ser, no mundo das realidades incorpóreas-espirituais. Dito isto, à luz da metodologia por nós aplicada, podemos enfim concluir que, Santo Agostinho, além de teólogo, filósofo e um gênio intelectual muito à frente do seu tempo, foi também um grande místico da Igreja Católica, podendo, sem nenhum receio, ser contado entre aquelas ilustres personalidades da mística cristã, que deixaram seu legado escrito nas densas páginas das Ciências Sagradas.

Referências

Fontes Primárias

AGOSTINHO, Santo. A Trindade. Coleção Patrística, vol. 7. Trad. Agustino Belmonte; rev. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1994.

AGOSTINHO, Santo. Confissões. Coleção Pensadores, vol. 4. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

AGOSTINHO, Santo. Comentário ao Gênesis. Coleção Patrística, vol. 21. Trad. Agustino Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005.

Fontes Secundárias

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ALMEIDA, Jorge Miranda de; QUADROS, Elton Moreira. As formas da experiência mística: especulativa, mística e profética. *Rev. Pistis & Prax: teologia e pastoral*, v. 7, nº 2, p. 461-475, mai/ago. 2015.

AREOPAGITA, Pseudo-Dionísio. Teologia mística. *Mediævalia: textos e estudos*. Trad. Mário Santiago de Carvalho. Porto: Fundação Eng. António Almeida, v. 10, 1996.

DEL GENIO, Maria Rosaria. Mística (notas históricas). In: BORRIELLO, L. *et al.* Dicionário de Mística. Trad. Benôni Lemos *et al.* São Paulo: Ed. Paulus, 2003.

FITZGERALD, Allan D. *Diccionario de San Agustín: San Agustín a través del tiempo*. Espanha: Monte Carmelo, 2001.

MARIN, Antonio Royo. Teología de la perfección cristiana. Madrid: La Editorial Católica/BAC, 2008.

REALE, Giovanni. Plotino de neoplatonismo. Trad. Henrique Cláudio de Lima Vaz; Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

SANTA TEREZA. Livro da vida. In: *Obras completas de Santa Tereza de Jesus*. Trad. Carmelitas descalças. Petrópolis/RJ: Vozes, 1961. Tomo I.

SANTOS, J. Oliveira; PINA, A. Ambrósio de. Nota do tradutor. In: AGOSTINHO, Santo. Confissões. Tradução e notas de SANTOS, J. Oliveira; PINA, A. Ambrósio de. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

SÃO JOÃO DA CRUZ. Obras espirituais do Doutor Místico São João da Cruz. Trad. P. Silvério de Santa Teresa. Portugal/Fátima: Carmelo de São José, 1947.

STINISSEN, Wilfried. A noite escura segundo São João da Cruz. 4ª ed. Trad. Camélia Cota; Gabriel Haamberg. São Paulo: Loyola, 2006.

TANQUEREY, Adolphe. Compêndio de teologia ascética e mística. 6ª ed. Trad. João Ferreira Fontes. Porto: Apostolado da Imprensa, 1961.

TEREZA, Santa. O castelo interior: a jornada espiritual da alma para se unir a Deus. Trad. Antonio Carlos de Souza. Curitiba: V.S. Fortes, 2019.

TRAPÈ, Agostino. Agostinho: o homem, o pastor e o místico. Trad. de Francisco Evaristo Marcos e Marcos Roberto Nunes Costa. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

VAZ, Henrique C. de Lima. Experiência mística e filosófica na tradição ocidental. São Paulo: Loyola, 2000.

WRIGHT, Robert E. Mística. In: FITZGERALD, Allan D. *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*. São Paulo: Paulus, 2018.